

PROJETO DE LEI N. 13.873/2016

A Câmara Municipal de Maringá, Estado do Paraná,

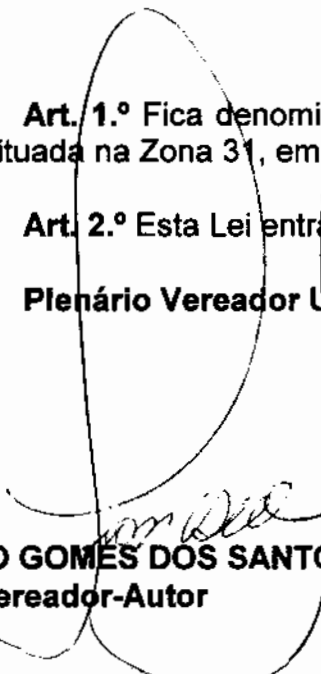
APROVA:

Denomina a Rua 31.094, situada na Zona 31.

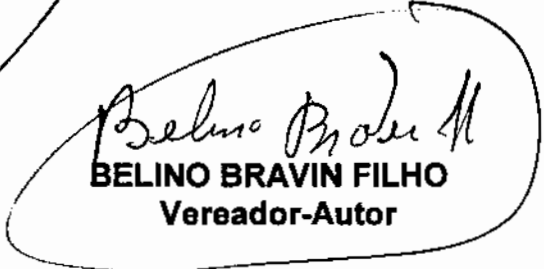
Art. 1.º Fica denominada **Pioneiro Antônio Afonso de Carvalho** a Rua 31.094, situada na Zona 31, em toda a sua extensão.

Art. 2.º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

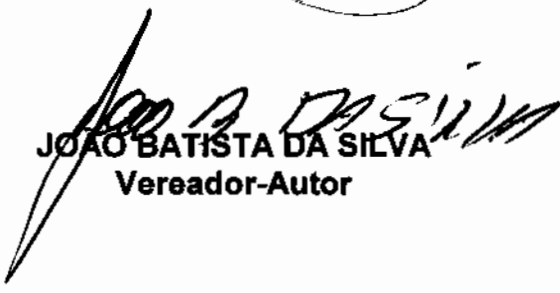
Plenário Vereador Ulisses Bruder, 03 de maio de 2016.



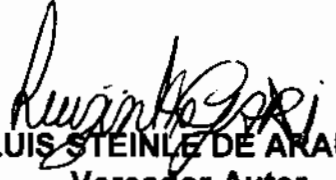
FRANCISCO GOMES DOS SANTOS
Vereador-Autor



BELINO BRAVIN FILHO
Vereador-Autor



JOÃO BATISTA DA SILVA
Vereador-Autor



LUÍS STEINLE DE ARAÚJO
Vereador-Autor

UMA CASA DE MADEIRA RESISTE NA TRAVESSA DO BRÁS



Antônio, o Seu Totonho, na casa em que veio morar quando chegou à Maringá em 1958. | Foto: Rafael Saes

Quem passa pela Travessa do Brás talvez não dê muita atenção a essa pequena rua de apenas uma quadra. A Travessa, no entanto, é onde Antonio Afonso de Carvalho guarda suas memórias mais preciosas, memórias no formato da casa

para a qual ele se mudou em 1958 – casa que ele mantém do jeito que encontrou. Quando perguntamos ao Antonio qual lembrança ele levaria com ele da Vila Operária ele não hesitou em dizer: *“Eu levava essa casa comigo. A minha lua de mel, eu vim passar nessa casa aqui, e hoje vocês estão aqui me entrevistando! Naquele tempo era uma casa bonita...”*.

Totonho, como Antonio gosta de ser chamado, é natural de Cajazeiras, no interior da Paraíba. Seu irmão mais velho, Geraldo Afonso de Carvalho, chegou a Maringá no ano de 1951 e aqui se estabeleceu com a esposa ainda grávida.

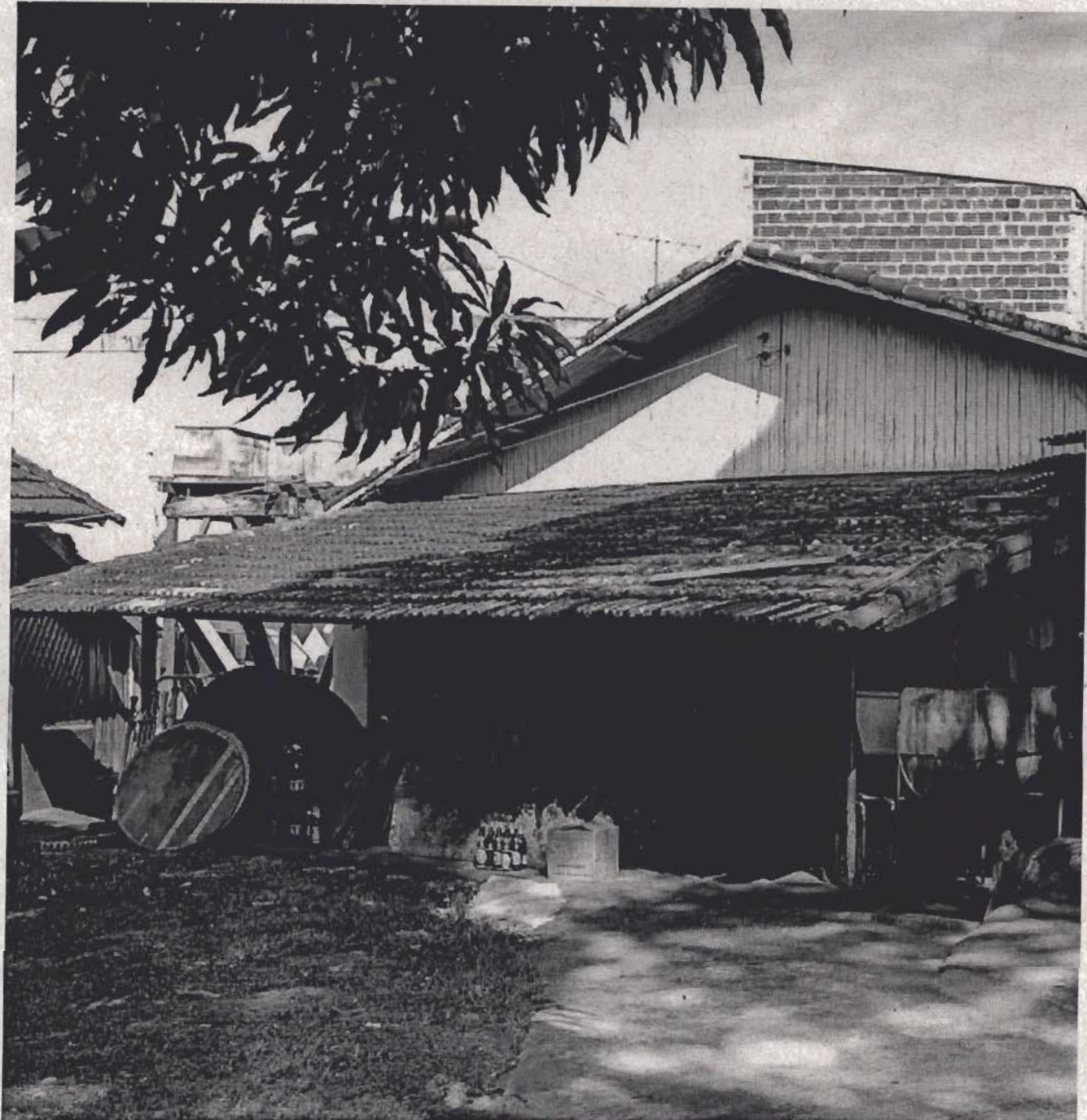
Totonho conta que Geraldo recebeu uma proposta para trabalhar no aeroporto assim que chegou à cidade, oferta que incluía até moradia. *“Chegou lá, era uma casinha de pau a pique, arrumaram uma casinha para eles dois, com um colchão”*, conta Antonio. *“Não tinha nada, nada, nem fogão nem panela nem nada. (...) Mas foi assim, do zero.”* Após um tempo trabalhando, Geraldo se tornou responsável por diversos serviços prestados no aeroporto, como as lanchonetes, engraxates e bombas de gasolina.

“Meu irmão veio de pau de arara, direto da Paraíba para vir colher café em Paranavaí. Aí o pau de arara quebrou em Londrina e meu irmão pegou um trem para Maringá. Se hospedou em um hotel. Aí quando ele chegou lá, o pessoal dos Barros pegou o casal, era só ele e a mulher, a mulher dele estava grávida, e trouxeram ele direto para o aeroporto.”

Foi Geraldo que convenceu Antonio a deixar o sítio da família e vir para Maringá trabalhar com ele no aeroporto. *“Lá, eu tinha 16 anos, você acha que meu pai ficava dando dinheiro para mim? Eu tinha uma calça e uma camisa!”*, Antonio brinca. Ao chegar a Maringá em 1958, Antonio foi direto para a Travessa do Brás, para a pequena casa de madeira que ele mantém em pé até hoje. *“No começo aqui era difícil. Era barro, poeira.”*, conta Antonio. A parceria com o irmão no aeroporto da cidade trouxe bons frutos para Antonio, que começou trabalhando como engraxate. *“Cheguei aqui, comprei um sapato. Depois uma bicicleta.”*, ele conta.

“Eu era engraxate, tinha duas caixas de engraxate, pegava as malas do pessoal que chegava no aeroporto, engraxava o sapato antes de entrar no voo, também puxava a manivela na bomba de gasolina. Naquele tempo não tinha bomba

elétrica, tinha que ser na mão. Tinham os tambores de gasolina e nós abastecíamos os aviões, táxis aéreos...”



“Foi a lua de mel que eu vim passar nessa casa aqui, e hoje vocês estão aqui me entrevistando! Naquele tempo era uma casa bonita...” | Foto: Rafael Saes

Com a vida profissional encaminhada, Antonio resolveu cumprir uma promessa que havia feito na Paraíba: a de buscar sua namorada. *“Era namoro de escola”,* ele conta, *“Eu falei para ela ‘Eu vou para o Paraná e daqui uns 10, 15 anos, volto para pegar você’. Demorou quatro anos”*. Além da lua de mel, a modesta

casinha de madeira na Travessa do Brás também foi onde o casal teve o primeiro filho. Mesmo tendo saído de lá, Antonio passa a maior parte de seus dias ao lado da casa: no mesmo terreno construiu uma área de lazer para toda a família e amigos, além de manter sua empresa de aluguel de materiais de festa no terreno ao lado.

“Pediram para desmanchar a casa, mas eu resolvi dar um tempinho... Fiz um salão de festa aqui pra nós festarmos, todo mundo tira foto e brinca. Nós temos outras casas aí na cidade, que é do meu sobrinho, do meu irmão, que deixou para nós... Cuidamos direitinho... Mas aqui, um dia tem que desmanchar...”

Antonio Afonso de Carvalho tem 72 anos e mora na Vila Operária há 57 anos.